

Diálogo com países europeus

O professor Sachs considera que o ponto de partida deveria ser um diálogo entre países do Sul como Brasil e Índia e alguns outros da Europa. Ele lamenta que por enquanto não existem iniciativas européias satisfatórias, razão pela qual acredita que, agora, possam ocorrer, mas a partir de países como o Brasil.

Indagado se essa não é a linha do presidente francês, François Mitterrand, pelo menos manifestada em seus discursos, o prof. Ignacy Sachs responde afirmativamente, mas acha que se deveria ir mais longe, estabelecendo-se laços de reflexão conjunta para propor novas regras de funcionamento para o fundo monetário, o Banco Mundial, o Gatt. Ao mesmo tempo, relançar as Nações Unidas, reforçar a Unctad, isto é, fazer tudo aquilo que no momento os Estados Unidos estão bloqueando. Adicionalmente, existem apenas duas alternativas diante do bloqueio norte-americano. A primeira é esperar que as coisas mudem nos Estados Unidos e a outra é iniciar um diálogo entre os que não estão de acordo com as posições norte-americanas; um diálogo sem grandes ilusões de que as coisas possam mudar hoje, mas que pode preparar o amanhã. Indagado se não assistimos exatamente o contrário, isto é, o enfraquecimento de organismos das Nações Unidas e a crise da Unesco é um exemplo, o professor Ignacy Sachs lembrou que uma fundação norte-americana que representa a extrema direita naquele país, publicou recentemente um livro que se chama "O mundo sem as Nações Unidas". Isso mostra que estamos assistindo a um ataque contra as instituições internacionais onde o Terceiro Mundo conquistou uma tribuna legítima.

Para o economista e diretor de estudos da Escola de Altos Estudos de Paris é pensando em seu próprio interesse que a Europa deveria juntar forças com os países em desenvolvimento que tenham respostas construtivas. Paralelamente, é preciso abandonar um tipo de terceiromundismo apenas retórico, pois o problema envolve idéias novas, muita paciência, um trabalho político para que essas idéias possam ganhar terreno. E nessa perspectiva que Ignacy Sachs espera que a visita do presidente Mitterrand ao Brasil, prevista para este ano, possa constituir o começo desse diálogo construtivo.

Para o professor Sachs, o País está entrando numa nova era envolvido pelo que denomina as quatro dívidas do Brasil: a dívida externa, a interna, a social e a ecológica. Ele as analisa separadamente, lembrando que na Europa é a dívida externa a mais comentada, mas pessoalmente acredita que das quatro essa é a menos difícil de renegociar e isso em razão da nova legitimidade adquirida com a vitória de Tancredo Neves. Indagado se a renegociação não viria, antes de mais nada, pela própria impossibilidade de pagamento da dívida se o esquema atual for mantido, o professor Sachs lembra que essa impossibilidade é evidente, acrescentando: "Enquanto os termos de intercâmbio forem o que são, enquanto as taxas de juros forem o que são, enquanto as dificuldades de acesso aos mercados dos países industrializados forem as que são, é impossível que o Brasil continue a fazer o esforço de exportação que está fazendo e importando o pouco que está importando. Isso tem de mudar e novas propostas terão de ser postas na mesa".

Na sua opinião é preciso relacionar o pagamento à evolução do comércio exterior, mas ao mesmo tempo, colocar um problema político fundamental que diz respeito ao custo do ajustamento,

que não pode ser arcado apenas pelo povo brasileiro, pois "o Norte tem também que pagar alguma coisa". É por isso que considera a idéia que prevê a capitalização em cruzeiros de uma parte do serviço da dívida, mas cruzeiros que não sejam contabilizados como entrada de capital estrangeiro, mas sim tratados em pé de igualdade com o capital nacional, é uma proposta razoável que cedo ou tarde o Norte terá que aceitar: "Acho que a dívida externa é renegociável e estou certo que será renegociada".

Ignacy Sachs identifica maiores dificuldades no tratamento da dívida interna, devido às proporções que ela alcançou. Sua dolarização parcial, interesses financeiros poderosos que estão envolvidos, a necessidade de proteger os interesses dos detentores de cadernetas de poupança, etc. A seu ver, uma reforma financeira é necessária, mas a sua implementação vai, evidentemente, criar tensões políticas e problemas sérios. A essas duas dívidas no sentido tradicional da palavra, Sachs acrescenta outras duas de caráter metafórico: a dívida social e a ecológica.

A seu ver a dívida social é a que deve ser resgatada o mais rapidamente possível e a que exige um tratamento urgente: "O Brasil nesses vinte anos de governo autoritário quase triplicou sua renda per capita, enquanto o poder aquisitivo do salário mínimo baixou. Não conheço outro caso na história econômica do mundo, uma divergência tão grande entre essas duas magnitudes. Isso explica uma parte do milagre quando dele se falava e explica também a dívida social em termos de fome, desemprego, queda do poder aquisitivo. Essas são as urgências, mas as ações a curto prazo estão limitadas pela ausência de recursos".

Ele imagina também atividades que não requerem importações, utilização de tecnologias mais intensivas e mão-de-obra na área de obras públicas. A seu ver, é possível mobilizar a nível local recursos humanos e físicos reais, obtendo-se resultados imediatos. De qualquer forma, serão precisos muitos anos e muita paciência para que a dívida social possa ser resgatada, pois ela foi adquirida dentro de um processo de crescimento rápido, mas totalmente desprovido de sentido social, o que criou uma série de distorções estruturais.

Finalmente, o prof. Sachs analisa a quarta dívida que o presidente Tancredo Neves terá que enfrentar a partir de 15 de março. Trata-se da dívida ecológica, devendo ser evitada ao máximo a exploração predatória de recursos, o desmatamento excessivo que já provocou enchentes e secas, e antes de mais nada, tentar evitar novos cubatões. A seu ver, Cubatão é muito provavelmente, do ponto de vista de poluição industrial, um dos piores lugares do mundo. Esse problema poderia ter sido evitado se a industrialização brasileira não tivesse sido tão selvagem. Para Sachs, fala-se muito da Amazônia, mas se esquece que praticamente todas as florestas do Sul foram destruídas. Além disso, existe o problema do esgotamento de solos por tecnologias agrícolas impróprias: "Acho que a dimensão ecológica deve entrar de uma vez por todas como uma das dimensões desse conceito multidimensional que se chama desenvolvimento e que tem uma dimensão política, social cultural e por último econômica, enquanto o período anterior foi caracterizado por uma avaliação dos resultados a partir de critérios empresariais microeconômicos, sem atender aos custos sociais e ecológicos do processo.